

#61 Iluminação da Sabedoria Primordial 6 – RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari, 22/08 a 30/08

Revisão: Mônica Kaseker, 09 de janeiro de 2024

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #61

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

2. A Parte Principal, Gerando a Sabedoria Vipassana (continuação)

Trazê-la ao coração através da meditação

A parte dois é trazer essa visão ao coração através da meditação. Eu vou seguir com as palavras da tradução antiga. Então:

O passado cessou, o futuro ainda não surgiu, essa presente lucidez, Rigpa, nua e vazia, tome-a como caminho.

No texto em inglês que estou trabalhando, essa palavra, Rigpa, está presente. (No texto, na página 122, não tem a palavra Rigpa, mas no texto inglês, o antigo, ele tem a palavra Rigpa). Eu acho útil que a gente mantenha essa palavra Rigpa.

O passado cessou, o futuro ainda não surgiu, essa presente lucidez, Rigpa, nua e vazia, tome-a como caminho. Tendo reconhecido diretamente o Darmakaya...

Essa é a expressão exata, essa palavra está lá, o Darmakaya.

Tendo reconhecido diretamente o Darmakaya, que nada mais é do que essa lucidez Rigpa, grande e vazia, cognoscente e naturalmente surgida...

Aqui no Darmakaya como essa presença clara, lúcida, Kadag não é visto, porque não tem nada, Lhundrup não é visto, porque aquilo está lá, incessantemente presente, não tem nenhuma novidade, não tem um ligar ou desligar. Mas o que nós vemos como manifestação? Nós vemos Rigpa. Isso é super importante. Poderíamos dizer: "bom, aqui o ensinamento está dizendo alguma coisa", ele está dizendo por quê? Ele está apontando uma coisa super íntima, super profunda. Ele está dizendo que nós vamos reconhecer esse lugar livre e nós vamos reconhecer Lhundrup, a incessante presença, justamente através da manifestação de Rigpa, lucidez diante das aparências. Nós precisaríamos olhar com muito cuidado, e essa lucidez não é a mente comum, ainda que ela surja como visão. Ela não é a mente comum. Ele diz:

...além da mente ordinária. Você precisa decidir com certeza completa, que não há qualquer traço de meditação a ser feita...

Aí temos uma surpresa: mas como? Aqui é o capítulo sobre meditação, a parte sobre meditação. E aí? Não tem meditação?".

Não há qualquer traço de meditação a ser feita

Seria assim: nenhum estado mental elaborado artificial, nada, não construa nada. Então:

Não há qualquer traço de meditação a ser feita, além de naturalmente repousar no interior da lucidez natural...

Baseada em ausência de qualquer referencial. É a lucidez que vê as aparências comuns olhando para as próprias aparências comuns, reconhecendo como que elas surgem.

...no interior da lucidez natural que é a quarta parte além das outras três

Dudjom Rinpoche descreve:

Nós chamamos assim porque não está contaminada com quaisquer pensamentos associados aos três tempos.

Não tem nada associado a presente, passado ou futuro. Nem ao passado, nem ao futuro, nem a um presente que esteja decorrendo entre o passado e o futuro. É a quarta parte, o quarto tempo.

Uma vez que o pensamento passado cessou, o pensamento futuro ainda não surgiu e não há qualquer fabricação ou limitação no momento presente de lucidez

Que está além de passado e futuro, portanto. Aqui deveríamos parar e localizar isso. Hoje fizemos algumas coisas, depois nós vamos fazer outras coisas, agora nós estamos no intervalo entre o que vínhamos fazendo e o que nós vamos fazer. Nós estamos aqui, parados. Esse é o terceiro tempo, não é o quarto. Agora, dentro desse terceiro tempo, tem um tempo livre onde nós observamos que tem um passado, um presente e um futuro, mas nós não estamos nem no passado, nem no presente, nem no futuro. Nós reconhecemos como o passado é construído, como o presente é construído, como o futuro é construído e nós estamos livres dentro disso. Esse presente, passado e futuro expressam a nossa identidade, a visão de mundo, expressam tudo, mas nós não estamos nem na nossa própria identidade. Nós estamos nesse lugar que é o quarto tempo. Nesse quarto tempo não há nem os condicionantes que dão os sentidos humanos aos vários funcionamentos. Nós observamos cada funcionamento desde um lugar sem condicionante, portanto nós não temos um engajamento neles. Essa é a nossa prática, nesse ponto.

Meditar é isso. Meditar é retirar artificialidade, não é se vincular a uma artificialidade e sustentar artificialidade. Esse é um ponto realmente importante. É um ponto perturbador. Perturbador porque, quando iniciamos a nossa prática, buscamos nos fixar em alguma coisa que alguém diga o que seria. É mais ou menos assim: chegamos no primeiro dia do emprego, vai ter uma entrevista com o chefe, e o chefe diz "agora você pega isso leva para lá, quando aquilo estiver pronto, você traga para cá e aí faça aquilo". "Tudo bem chefe, é comigo!". Aí chegamos para a pessoa que está dirigindo a meditação e dizemos: "bom, agora me diz o que que eu faço". Se a pessoa diz: "Não, agora você, simplesmente fique livre de qualquer coisa a ser feita". Você pensa: "Aqui não é um lugar sério, tinha que ter uma instrução sobre o que fazer". O Buda tá dizendo: "O que você vai fazer é ficar livre do mundo onde há coisas para fazer".

"Pá!!! Isso! Eu tenho que dizer isso para minha mãe, estou liberto! Ela sempre dizia o que eu tinha que fazer! Mamãe, descobri um mundo onde não temos nada a fazer". "Meu filho você está perdido, eu achei que você ia dar em alguma coisa e não vai dar em nada". Então: Nada para fazer! E como é que eu sei se eu estou fazendo nada ou não? A meditação não é que seja fazer nada, a meditação é assim: não faça nada artificial, não crie nenhuma artificialidade, pessoal. Não fiquem inventando nada! Repousa na mente inventadora, mas não deixa inventar. Ela está viva, alucinada para inventar alguma coisa, mas você está ali, parado sem inventar nada. Se dê conta: inventou, vai dar problema! Inventou, ficou fixo naquilo e começou a elaborar e elaborar, pronto! Daqui a pouco você está casado, com filho, está trabalhando, está aqui ou ali e num lugar você para e pensa: "Para aí. Como é que tudo isso começou? Onde é que eu assinei e não vi?" A vida já está andando e você não tem como parar isso. Pior ainda se a pessoa fez concurso, entrou num emprego público e depois não sabe como sair. Mas aí, a aposentadoria chega! Impermanência existe. É muito bom isso! Há casos na sanga assim.

(Eu cansei de incomodar o Gabriel, agora vou incomodar [1:47:17 inaudível o nome dito pelo Lama]. Tinha que fazer um pouco de bullying, né? Se não a vida não tem graça!)

Esse é o ponto. Aí nós estamos sentados, essa é a nossa prática. Mas eu não quero aqui introduzir problemas, porque eu estou longe disso! Mas, por exemplo, nós enquanto identidade, nós somos agentes dentro de coisas a serem feitas. Nossa identidade vai passar por um probleminha, ela vai morrer à míngua, porque se nós não temos nada para fazer, essa identidade seria o quê? Ela é um agente que tá sempre se movimentando entre coisas. Ela está operando entre passado e futuro, se movimentando assim, produzindo coisas, isso é identidade. A identidade nasce com o quê? Com Avidya, que é uma fixação, Moha, que a gente torna confortável essa fixação. Aí tem o quê? O galo! Nós estamos sempre ciscando de acordo com a fixação que nós temos. Olhem um jogo de futebol: se tem um jogador assim, meio que caminhando, meio que olhando para o céu, ele vai ser demitido, direto! Se o próprio treinador - está lá o time passando pelos problemas que o Inter passa sempre (o Grêmio menos) - aí a pessoa está lá olhando aquilo e não se move. Vai ser demitida. Com certeza! Então, o quê que se espera? É que tenha sempre um agente que está puxando uma coisa de um lado e para o outro, uma coisa de um lado e para outro. Mas aqui, se nós simplesmente repousarmos, a nossa identidade não vai ser alimentada, ela não está movida. Mas nós vamos descobrir o centro, nós vamos operar a partir do centro que gera um tipo de manifestação, ou outro tipo de manifestação, ou outro tipo. Nós já fomos várias identidades, já fomos pessoas de diferentes idades e pensamentos, ideias e fixações. Já tivemos várias certezas. Essas certezas são essas identidades operativas. Mas agora nós estamos sentando livres disso.

Dudjom Rinpoche diz então:

pratique a confiança na liberação do que quer que surja à mente...

Ou seja, a coisa aparece à mente, a pessoa vê aquilo surgindo dentro de presente, passado e futuro, a partir de vários condicionantes, a pessoa simplesmente repousa livre daquilo. Então:

... reconhecendo isso como o fluxo de Darmakaya...

Fluxo da luminosidade da mente que produz significados. As aparências não estão separadas da própria fonte Darmakaya, não é assim: uma parede que corta, mas as aparências são expressões de Darmakaya.

...fluxo de Darmakaya, lucidez nua e vazia além da mente ordinária. Com essa confiança...

Ou seja, ela está além da mente ordinária, mas inseparável da mente ordinária, a mente ordinária é a manifestação da mente última.

...lucidez nua e vazia além da mente ordinária. Com essa confiança, relaxe e repouse na lucidez aberta e ampla.

Quando ele diz lucidez aberta e ampla, não é assim lucidez enquanto algo analítico, ela é simplesmente abertura. Que é semelhante ao espaço, além de quaisquer limites ou extremos ou referências.

Nesse momento o que quer que você perceba através dos seis sentidos, deveria simplesmente deixar, sem apego, nessa experiência nua, naturalmente vívida e clara

Aqui é como se fosse um comentário sobre como deixar cair corpo e mente - Shikantaza. O que que significa isso? Tem essa presença incessante, ela não está proliferando, não está construindo, ela reconhece tudo isso. Nossa prática é essa: simplesmente deixar, sem apego, repousar nessa experiência nua, naturalmente vívida e clara, que não é construída, ela está lá, sempre esteve lá, a gente entendendo ou não, ela está lá, no meio da confusão ela está lá também.

Eu acho super interessante nesse ponto, aqui como está, olhar os textos dos vinte e oito versos de Tilopa Naropa, à margem do Rio Ganges. É uma contemplação disso, nesse trajeto. Também, tem alguns textos Mahamudra que descrevem o caminho que vem através do Vajrayana com sinais, ou seja, do Vajrayana onde tem as deidades, os mantras, as mandalas, as preces, as sadanas, os votos de refúgio nas deidades, que tem os estágios de desenvolvimento, estágio de completitude, que tem as oferendas, que tem os mudras, e tem os sons todos, as oferendas de som, as oferendas variadas, tem essa estética toda. Eles mostram como, nesse momento, tem a dissolução de todos esses aspectos. Dissolução dos mantras, das mandalas, das deidades, das oferendas, dos votos, dos refúgios, tem a dissolução completa. Porque todos esses são referenciais construídos. Esses referenciais construídos são um barco, eles nos levam até esse ponto, mas nesse ponto nós repousamos livres. Quando olhamos para trás as deidades estão: "tchau, boa viagem, tudo de bom!", e elas vão desaparecendo num céu livre. Não é que haja, por exemplo, nesse momento, qualquer oposição ou qualquer consideração menor disso. Mas assim, a gente descobre: as deidades são a natureza última, os mantras são a natureza última, as oferendas são a natureza última, os votos são a natureza última, o refúgio é a natureza última e todos esses aspectos são a natureza última, então, nesse momento eu repouso no quê? Eu repouso na natureza última, livre de qualquer traço. Isso significa

Então você precisa ter confiança na liberação do que quer que surja na sua mente, reconhecendo isso como fluxo de Darmakaya, lucidez nua, vazia, além da mente ordinária.

É como se a deidade estivesse viva, não mais com aparência de deidade, mas com aspecto primordial, o Buda Primordial, que não tem face, ele é como espaço, simplesmente vivo.

Nesse momento, o que quer que você perceba através dos seis sentidos, deveria simplesmente deixar, sem apego, nessa experiência nua, naturalmente vívida e clara

Incluindo tudo que você já fez de práticas, identidades, etc.

Não importando quais pensamentos surjam no interior da mente, não os faça proliferar ou os dissolva.

Fazer proliferar significa o quê? Eu acho esse ponto super importante. Porque não é simplesmente a dispersão da mente. Dispersão da mente é operação dos doze elos. Se vocês não entenderam isso, é um tema que ficou para trás. Precisamos olhar, resgatar isso. Parem um pouquinho e deixem a mente proliferar e olhem o que está acontecendo. Vejam o que que é isso. Isso não é nada pessoal, isso é simplesmente a manifestação luminosa. Nós produzimos um referencial que é tomado por base para produzir outro, que é tomado por base para produzir outro e para produzir outro, e assim vai. E assim os mundos são construídos. Mas enquanto isso está ocorrendo, tem uma natureza que é livre de todas essas construções. Então, quando ele diz *não os faça proliferar*, é simplesmente: repouse nesse lugar livre.

...não os faça proliferar ou os dissolva,

Não precisa dissolver nada, não precisa lutar contra, não precisa nada.

...mas, simplesmente deixe-os como são, em sua condição nua e assim eles liberam a si mesmo, mantenha-se natural, sem antídotos...

Não tem nada para lutar contra nada, nem utilizar antídotos.

...sem antídotos que o tensionem ou restrinjam, ou influenciado por objetos, sejam eles bons ou ruins, ou contaminado por apego e sem sucumbir ao desejo de abandonar ou remediar

Como mencionamos: *demônios, interferências fantasmagóricas, espíritos malignos* etc., é assim: nós não vamos lutar contra espíritos malignos, nem demônios, nem nada. Eles são manifestações luminosas que vão produzindo construções mentais e emocionais. Aí nós repousamos e eles dissolvem, eles não têm força nenhuma. Isso é o processo budista de ultrapassar tudo que possa surgir como atraente ou como maligno. Todas essas manifestações são dependentes de referenciais, então nós simplesmente fluímos livres diante disso.

Nessa tradução em inglês, eu não sei como que está no livro em português aqui, essa tradução antiga do inglês tem uma frase super importante, que é a conclusão dessa parte. Ele diz:

É uma característica especial da Grande Perfeição sustentar a experiência de abertura que tudo penetra.

É uma abertura que é Kadag, Lhundrup, Rigpa, que tudo penetra, ou seja, ela clarifica aquilo. Quando, no Satipatthana Sutra, o Buda diz: "veja o corpo como corpo", ele está nos convidando a praticar essa abertura que tudo penetra, vai penetrar no corpo, vai penetrar nas sensações, vai penetrar as várias partes. Na tradição Pali tem a palavra Vibhaṅga que é a penetração nessas múltiplas aparências. Na tradição Pali tem esse texto que é chamado Vibhaṅga, que tem uma listagem de tudo que a gente deveria treinar de penetrar. Porque aqui, por exemplo, como ele diz:

é uma característica especial da Grande Perfeição sustentar a experiência de abertura que tudo penetra

Ainda que tenhamos entendido isso, não fizemos o exercício de penetrar nas várias aparências com aquilo, então, quando as aparências vêm elas nos dão

sequência. Pessoal, nós vamos ter que olhar aquilo. É como se tivéssemos uma certa sensação de autonomia ao olhar isso, mas precisaríamos olhar. E felizmente o Buda classificou aquilo, ele arrumou aquilo e nos oferece uma grade de prática. Lista de exercício, seria assim: a pessoa entendeu o teorema, entendeu os corolários e agora precisa fazer a lista do final do capítulo. Fazer o quê?

é uma característica especial da Grande Perfeição sustentar a experiência de abertura que tudo penetra.

Em inglês ele dá um nome para isso, que é Zangthal.

Reconhecendo de modo imediato e direto, essa qualidade da consciência Prístina vívida

Ela está viva. Ho! (Essa parte "Ho!" não tá na tradução. Esse "Ho!" é alegria, e por isso estar apresentado).

E nós encerramos a nossa prática da manhã de hoje. Na sequência, nós vamos para a parte três, que é sustentar a continuidade da visão, não se perturbar com a visão em meio à ação.